



A Bandeira dos camaradas Ribeiro Santos e Alexandrino de Sousa não cairá das nos- sas mãos !

Passou respectivamente no dia 9 de Outubro e passa hoje dia 12, 2 e 5 anos sobre sobre o assassinato em condições diversas dos camaradas Alexandrino de Sousa e Ribeiro Santos. Nestes dois dias as nossas cabeças baixam-se em honra e em memória desses dois mártires da Revolução proletária portuguesa, dos dois primeiros fundadores do nosso jovem Partido Comunista, de quem não hesitou em dar a sua vida na defesa dos interesses mais genuínos da classe operária e do povo e na aplicação da linha política revolucionária do nosso Partido.

O espaço de tempo que medeia entre o assassinato desses dois camaradas e hoje não é grande. No entanto, o exemplo por eles legado pôde já educar milhares de novos continuadores da Revolução e simultaneamente constituiu uma fonte inesgotável de ensinamentos para as massas populares que puderam compreender serem esses dois camaradas dois dos seus filhos mais queridos, e a política por eles defendida e aplicada a única que as poderá levar à vitória.

O camarada Ribeiro Santos foi assassinado a 12 de Outubro nas instalações do Instituto Superior de Economia e Finanças quando decorria um "meeting" contra a guerra colonial. Tendo sido descoberto um pida na sala, logo a grande massa dos estudantes com o camarada Ribeiro Santos à cabeça se prestaram a dar-lhe o justo correctivo e a corrê-lo da sala quando um tal Aranda, conhecido revisionista do P"CTP", se prestou a defendê-lo dizendo que era preciso chamar mais esbirros da pida para o identificarem. Dito isto, eis que surgem na sala ao chamamento do P"CTP mais dois pides de pistola em punho, para salvarem a pele tanto do pida como do seu colaborador Aranda. Perante esta nova afronta pidesca, os estudantes de novo com o nosso querido camarada à cabeça, lançam-se sobre os pides que o varam com uma bala assassina.

Em perfeita colaboração o revisionismo apontou o nosso camarada e a Pida apertou o gatilho!

Foi um período de intensa luta aquele que se seguiu ao assassinato-fascista-revisionista do camarada Ribeiro Santos. As massas ergueram-se e juraram vingar o seu filho assassinado. O funeral do nosso camarada foi, em particular, uma gloriosa jornada de luta em que, apesar das ameaças e provocações pidescas, participaram milhares de elementos do povo.

O sangue do nosso camarada caído exigia vingança. Mas é claro que não poderiam ser os tribunais da burguesia a vingar Ribeiro Santos. Isso desde logo o compreenderam os revolucionários que não tendo ilusões do que iria decidir o tribunal fascista acerca deste assunto se dispuseram a fazer desse tribunal uma tribuna de denuncia de tão hediondo crime. E assim aconteceu de facto.

Poder-se-ia entretanto pensar que o 25 de Abril alteraria alguma coisa neste domínio. Não tendo ilusões acerca da natureza de classe desse golpe e da pretensa fraseologia anti-fascista de seus dirigentes, o nosso Partido exigiu de imediato o julgamento e o castigo do pida assassino Gomes da Rocha, bem como de todos os responsáveis fascistas e agentes da PIDE.

A burguesia entretanto, sabe bem que para manter o seu poder necessita desses quadros formados na repressão contra o povo, na prática de crimes contra-revolucionários, no exercício de todo o tipo de crimes destinados a perpetuar o vil sistema de exploração e opressão.

E é assim que os "libertadores e antifascistas" de Abril solicitos libertam Gomes da Rocha de Alcoentre na conhecida "fuga" de Alcoentre e o coloca em Espanha à espera de melhores tempos para assassinar outros Ribeiros Santos.

Tal facto enche da maior indignação todos os anti-fascistas e anti-social-



fascistas. Estes, desmascarando a fraseologia pretensamente antifascista dos novos senhores do poder e em particular dos caciques do P"CP, continuam a exigir o julgamento desses assassinos e estão certos, entretanto, que o povo não deixará ficar impunemente, não apenas os assassinos, como também os seus encobridores.

O camarada Alexandrino de Sousa foi assassinado a 9 de Outubro de 1975. E foi-o precisamente aquando dos preparativos que o nosso Partido fazia para homenagear publicamente o camarada Ribeiro Santos. Alexandrino de Sousa era um jovem militante da gloriosa Federação dos Estudantes Marxistas-Leninistas, e director do seu órgão central, o "Guarda Vermelha".

Nesse dia fatídico o camarada Alexandrino de Sousa dirigia uma brigada que colava cartazes na zona da Praça do Comércio em Lisboa, quando um bando de provocadores do grupúsculo U"DP"/P"CP(R) os intercepta exigindo arrogante e provocatoriamente que os nossos camaradas arrancassem os cartazes que tinham colado, ao que os nossos resistem determinadamente.

Valendo-se da superioridade em número, cobardemente estes provocadores atiram ao mar todos os nossos camaradas donde veio a resultar o assassinato bárbaro do nosso querido camarada. Estava consumado um novo crime. Praticado agora, não por revisionistas e fascistas mas pelos filhotes de ambos, já que é sabido que o P"CP(R)/U"DP" tem uma costela da PIDE e outra do P"CP.

E se um novo crime tinha sido perpetrado contra um filho do povo uma nova farsa do julgamento dos seus assassinos iria começar. A indignação profunda que tão hediondo assassinato provocou entre os anti-fascistas e anti-social-fascistas impôs o julgamento dos assassinos do camarada Alexandrino de Sousa. Este julgamento no entanto, tal como o anterior, do assassino do camarada Ribeiro Santos, constituiu uma farsa monumental. Os bufos Caleira Pereira, Jesus Condeço, Rui Paisano e Valdemar, alguns dos criminosos, foram postos em liberdade no corolário dum julgamento em que ficou mais do que provado que tinham sido os assassinos, em que condições se tinha praticado o crime, tudo responsabilizando o bando do P"CP(R)/U"DP".

A classe operária e o povo indignaram-se vivamente com a libertação dos assassinos dos camaradas Ribeiro Santos e Alexandrino de Sousa. E enquanto asseguram que farão justiça na altura devida, as massas exigem o julgamento e o castigo dos assassinos de dois dos seus melhores filhos.

Por decisão do Comité Lenine na sua reunião de Outubro de 1972 o dia 12 de Outubro foi instituído como dia nacional de luta contra o fascismo e o social-fascismo. Neste dia, lutando contra o fascismo e o social-fascismo, honraremos a memória dos camaradas caídos e reafirmaremos a nossa disposição de seguir pela via que o seu sangue nos aponta, a nossa firmeza de levantarmos bem alto a bandeira vermelha que nos legaram, a bandeira vermelha da Revolução, do Socialismo e do Comunismo.

Funchal, 12/10/77

O Comité Regional da Madeira do PCTP/MRPP

Adere ao PCTP/MRPP

SEDE REGIONAL - Rua Serpa Pinto, 4 - 1º Itó.
Funchal

ABM